

A Psicanálise em seu Tempo

Christian Ingo Lenz Dunker

Em grego temos três expressões que podem igualmente ser traduzidas por “palavra”: *mithos*, *logos* e *epos*. Cada uma destas expressões comporta uma temporalidade diferente. O *mithos* é a palavra sem autoria, a palavra das origens imemoriais que por ser de todos não é de ninguém. *Mithos* é algo que se diz além do dizente, de forma circular de tal forma que o que vem antes pode ser posterior ao que vem depois. É o *ça parle* (Isso fala). *Logos* é outro tipo de palavra. Palavra universal, palavra que supera o tempo de sua própria enunciação. Palavra que possui uma lógica que aspira a verdade, em meio dizer.

Epos, origem de termos como época, épico e epocal, refere-se ao relato e à narrativa. A recitação do *epos* pode ser feita através de um discurso antigo e mesmo em uma língua arcaica ou estrangeira. Mas é um discurso indireto, entre aspas, que se apresenta não apenas para o coro, mas também para os espectadores. Tradicionalmente o *epos* refere-se à origem de uma pessoa, comunidade ou grupo¹, mas segundo aquele que conta. Lacan critica a degradação destas duas formas de palavra na modernidade. *Mithos*, deixa de ser uma palavra coletiva e passa ao mito individual do neurótico. *Logos* deixa de ser ambição de verdade e passa a ser saber universal. *Mithos* e *logos* parasitam *epos* de tal maneira que não podemos mais reconhecer o valor deste tipo de palavra. De certa maneira tudo virou *epos*. Por isso pensar a psicanálise em seu tempo tornou-se uma tarefa tão simples quanto inexequível.

Pensar o próprio tempo em que se está é, em princípio, uma tarefa inexequível quando se imagina tomar o *epos* como uma evidência. Os únicos que são capazes de engendrar um resquício de *epos* são aqueles que se sabem exilados. São os velhos, as crianças, os estrangeiros. São aqueles que praticam o que Valéry chamou de profissões delirantes: “aqueles que têm coragem de querer claramente algo absurdo”. Sabe-se que se está envelhecendo quando de repente começam a sair de nossa boca expressões terríveis como: “na minha época ...” ou “no meu tempo...”. Ou seja, uma época se apreende excentricamente. Como dizia S. Agostinho: quando me perguntam o que é o tempo eu não sei, mas quando não me perguntam eu sei. Os velhos largaram esta estranha obsessão de pertencer ao próprio tempo, experimentam o tempo à distância. Assim como para as crianças o tempo, o *seu tempo*, funciona como um horizonte. A frase de Lacan diz “Que antes renuncie a isto, portanto, quem não alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época.”, ou seja, alcançar em seu horizonte, não simplesmente pertencer à sua própria época. Esta prudência com relação ao asenhoramento de seu próprio tempo parece depender do reconhecimento da opacidade do tempo.

Portanto, a psicanálise em seu tempo, não deve resumir-se a saber se ela é filha da modernidade ou da pós modernidade, se ela sobrevive ao fim das grandes narrativas ou se inclui na sociedade do espetáculo. Se ela é

¹ Lacan, J. – Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise.

herdeira das práticas de confissão e disciplinarização dos corpos ou se inclui-se como uma forma de familiarismo repressivo, falocêntrico ou universalista. Se ela é uma forma laica de religião ou uma técnica terapêutica ineficaz. Se ela fornece as bases biológicas para uma possível neurociência ou os fundamentos lógicos de uma teoria da cognição e da linguagem. Se ela é progressista ou conservadora. Tais debates são importantes e caracterizam a posição da psicanálise em uma época. Espera-se que deles se extraia um diagnóstico: será que a psicanálise cabe neste tempo? Não estaríamos nós fora deste tempo, como casulos ou fósseis sociais de um experimento científico datado.

Tais debates presumem uma certa noção do que vem a ser uma época e com isso uma economia própria do que é o tempo. O tempo em que se está ou do qual se está excluído. Ao pressentir que a psicanálise é vítima de uma obsolescência não programada estamos nos fazendo pertencer à nossa época. Época na qual se vive em atraso e fora do tempo, o novo acontecendo em outro lugar. Mas ao pertencer a esta época, ao pertencer demais a esta época, deixamos de nos situar à partir de *epos*. A narrativa hegemônica desta questão identifica nosso tempo ao que *realmente está acontecendo*, ou seja, a tudo aquilo que é capaz de gerar ou de se apresentar como *novo*. Mas a obsessão pelo novo, como já se observou, tornou-se uma *velha* obsessão. Entra em cena aqui o que chamo de o novo conservadorismo psicanalítico, ou seja, o argumento aqui é de que é preciso cautela com relação às descrições mais ou menos midiáticas de nossa época, prudência diante dos grandes diagnósticos massivos sobre a cultura, sobre a arte e sobre a ciência e sobre a sociedade. Isso é verdade, em uma época marcada pela sensação de que há um grande evento em curso, em algum lugar ocorre uma grande festa, da qual estamos sempre em atraso ou exclusão. Há duas estratégias mais simples, eu diria reativas diante deste mal estar:

- (a) Dizer que o que há de mais radical na psicanálise é que ela contenta-se em permanecer como é: como uma Velha Senhora. Ela afirma o valor da experiência contra a vivência, a importância do desejo contra a depressão, a importância da lei contra o gozo, a força da ética contra o mundo da técnica, do tempo longo de uma análise contra a rapidez da cura dos homens feitos às pressas. A prova disso é que ela sobreviveu apesar de seu anacronismo.
- (b) Dizer que o que há de mais radical na psicanálise é que ela é atualizável. Ela aparece aqui como uma *Infant Terrible*, o moleque travesso das ciências humanas, a única prática a altura da ação comunicativa (Habermas), o reduto de uma estilística da existência (Foucault). Ela é atualizável justamente porque estava na frente na aurora da modernidade. Ela sempre foi profética: a papel da sexualidade, a crítica do funcionamento das massas, a segregação inerente à expansão dos mercados comuns, o recuo diante das utopias e planejamentos sociais.

Digo que estas duas posições representam o novo conservadorismo psicanalítico tanto por ironia ao fato de que já fazem cem anos que ambas as soluções abundam a história da psicanálise, quanto pelo fato de que ambas

aceitam tacitamente a tese de que nossa época é tangível, imediatamente tangível: basta abrir os jornais. Nisso ela está perfeitamente em acordo com nossa época, que se imagina transparente a si mesma, que as coisas realmente se conservam apesar de plenas de mudanças. Ou seja, tanto uma quanto outra confiam no retrato que recebem desconhecendo uma das regras elementares do funcionamento narcísico: entre o retrato e aquele que pretende nele se enxergar há sempre um lugar terceiro. Lugar para o qual concorremos para produzir em soberano desconhecimento e ignorância. Enquanto nos medimos no retrato, procurando o melhor perfil e ajustando nossa posição esquecemos que nossa época foi produzida, como fato simbólico e discursivo, também pela psicanálise. Portanto a psicanálise está perfeitamente em acordo com esta época, simplesmente porque ela contribuiu para produzi-la. A questão é saber se ela poderá sair de sua própria época para poder reencontrá-la.